

Contracultura, juventude e lazer

Artigo publicado na Revista *Licere*, Belo Horizonte: CELAR, UFMF, vol. 7, n. 2, 2004, p. 62-72.

Autor: Luís Antonio Groppo

Resumo

A contracultura, como uma série de movimentos sócio-culturais da juventude, é discutida na sua inter-relação com a dinâmica do lazer, através de uma leitura histórico-crítica de fontes sobre o movimento *hippie*. A partir da demonstração do caráter “pioneiro” dos *hippies* em certas modalidades de turismo e nos eventos culturais de massa, discuto como a contracultura teve seus valores reciclados por uma nascente sociedade de consumo.

Palavras-chave

Juventude – Contracultura – Lazer – Movimentos juvenis

Abstract

The contra culture, as a serial socio-cultural youth's movements, it is discussed in his inter-relation with leisure's dynamic, by at a historical-critical reading of fonts about the hippie movement. After the demonstration of pioneer character of hippies in tourism and massive cultural events, I discuss how the contra culture had his values recycled by a beginner consummation society.

Keywords

Youth – Contra culture – Leisure – Juvenile Movements

CONTRACULTURA, JUVENTUDE E LAZER

Luís Antonio Groppo¹

Este artigo pretende dar continuidade à discussão sobre história das juventudes e do lazer iniciada nesta mesma revista, no artigo “A emergência da juventude e do lazer como categorias sócio-culturais da modernidade” (Groppo, 2002). Naquele artigo, discutia alguns exemplos históricos que ilustravam as relações entre as configurações modernas da juventude e do lazer, do século XIX à primeira metade do século XX. Deixava para um outro momento justamente a discussão que pretendo fazer agora: a contracultura dos anos 1960 e a esfera do lazer.

1. Dialética da juventude

A contracultura também ajuda a revelar o que considero como o principal caráter da juventude moderna: sua dialética, operando entre a integração social e a ruptura. Deste modo, a sociedade em processo de “modernização” gerou, desde o seu início, e em ondas sucessivas que abarcaram cada vez mais parcelas das sociedades ocidentais e não-ocidentais, inúmeros grupos juvenis. A primeira modalidade de grupo juvenil é justamente aquela organizada pelas instituições do “mundo adulto”, a saber, escolas, orfanatos, internatos, casas de correção, escotismo e juventudes de igrejas, partidos e Estados. Na segunda metade do século XX, num processo que teve os Estados Unidos como precursor, as sociedades modernas criaram como novas instâncias desta modalidade, as universidades massificadas e o mercado de consumo juvenil.

Tais grupos juvenis e instâncias de socialização criam a “realidade” social de indivíduos com idades semelhantes vivendo próximos, convivendo juntos, ou, no caso do mercado de consumo, pensando e se comportando de modo semelhante mesmo distantes no espaço. Mas é justamente desta convivência forçada que nasce a possibilidade destes indivíduos criarem identidades, comportamentos e grupos próprios e alternativos às versões oficiais. Em meu primeiro artigo (Groppo, 2002), justamente mostrava alguns exemplos destes grupos, em sua relação com a origem do lazer moderno. Na segunda metade do século XX, principalmente nos anos 1960, uma nova onda de radicalismo e contestação cultural das juventudes se expressiu, via os movimentos estudantis e a contracultura.

Reforça-se, assim, um percurso dialético na história da juventude, entre a sua institucionalização e a possibilidade de sua autonomia. A autonomia juvenil (que não deve ser confundido com esquerdismo, nem com revolta prioritariamente política) pode ser reprimida pela sociedade, contida ou ter seus valores e elementos sociais absorvidos pela estrutura social. Entre os casos de reabsorção da revolta da juventude, posso citar os grupos juvenis orientados por adultos republicanos ou socialistas no século XIX, a apropriação do modelo do Movimento Juvenil Alemão por partidos de direita e esquerda na Alemanha dos anos 1920, os grupos juvenis usados para tomada do poder pelos fascistas (Groppo, 2000, cap. 5), a acomodação dos jovens rebelados em movimentos antioligárquicos da América Latina na estrutura de poder e, mais recentemente, inclusive no caso da contracultura, o uso das criações culturais juvenis pela indústria cultural.

¹ Professor do Programa de Mestrado em Educação Sócio-comunitária do Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Unidade Americana. Professor Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas.

Apesar destas reabsorções da rebeldia juvenil, no decorrer da história, parecerem dar-se primordialmente no terreno da política institucional e do mercado cultural, é sobretudo em torno da esfera do lazer que a dialética da juventude se expressou. Se as ações das juventudes nos séculos XIX e XX ajudaram a criar o lazer moderno, ao mesmo tempo, a afirmação do lazer moderno criou um espaço privilegiado para o cultivo das identidades juvenis. Mas, a afirmação do lazer moderno também forjou um novo espaço “institucional” para os grupos informais juvenis, como se fosse uma “domesticação” do seu caráter contestador e seu direcionamento ao consumo, principalmente via mídia e indústria cultural.

A absorção da dialética da juventude pelo lazer pode ser explicada reportando-se à própria natureza contraditória – e, portanto, dialética - do lazer moderno. Por um lado, o lazer possui um grande potencial Libertador, Pessoal, Hedonista e Desinteressado (segundo Dumazedier, 1974). Por outro, ele se torna um espaço funcional para reposição de energias para o trabalho e para o consumo obrigatório.

A própria história recente do lazer revela em parte este caráter dialético. No início do século XX, por exemplo, diante da permanência de valores tradicionais que culpabilizavam o ócio e o prazer, um filósofo como Bertrand Russel (1977) procurou afirmar a justeza moral e a funcionalidade, diante dos novos tempos, do lazer e do tempo livre. Mas o seu próprio elogio do lazer já indicava a acomodação possível – e necessária – entre ética do lazer (legitimadora da busca do prazer e da felicidade individual) e ética do consumo. O tempo do lazer interessava ao sistema capitalista como o momento do consumo de mercadorias. Segundo Morin (1987), à questão sobre o modo de alcançar a felicidade no mundo secularizado, a ideologia do consumo tramou a resposta mais fácil: o consumo é a chave para a felicidade mundana e imediata. Também, esta resposta era a mais adequada a um sistema capitalista em expansão, que precisava desenvolver novos mercados consumidores. Ainda assim, a esfera do lazer moderno continua possuindo um grande potencial humanizador, já que seus valores contêm ainda a reivindicação de relações sociais diferentes, novas visões sobre o corpo e novas referências sobre o belo e o prazer (Marcellino, 2000).

2. Contracultura e movimento *hippie*

As contraculturas tiveram seu desenvolvimento mais evidente no Primeiro Mundo, principalmente nos Estados Unidos. Mas seus valores, criações e movimentos espalharam-se logo para a Europa e o Terceiro Mundo, inclusive no Brasil. Além dos *hippies*, dentro das contraculturas devem ser incluídas uma série de outras experiências comportamentais de indivíduos e grupos, movimentos artísticos e culturais de vanguarda, novas modalidades filosóficas, religiosas e místicas, experimentações com drogas e estados alterados da consciência, discussões e contestações cotidianas a respeito de valores, normas e tradições etc.

Talvez, o primeiro dos movimentos contraculturais tenha sido o dos *beats*, em torno de poetas e artistas norte-americanos, nos anos 1950. Em vários sentidos, os *beats* foram precursores dos *hippies*. Aliás, os *hippies* primitivos, no início dos anos 1960, eram chamados de *beatniks* e um dos principais poetas *beats*, Allen Ginsberg, seria um importante líder *hippie*. A Europa teve movimentos paralelos e até anteriores ao dos *hippies*, geralmente mais próximos da mobilização política consciente, como os *provos* na Holanda e os situacionistas na França e países escandinavos. Quanto ao Brasil, sob influência do movimento *hippie* e do rock psicodélico, seria criado o tropicalismo, em 1967/68. Mas, como contestação cultural e ímpeto à transformação comportamental,

praticamente todos os movimentos juvenis dos anos 1960 – inclusive os movimentos estudantis e as novas esquerdas – tiveram uma ligação com a contracultura.

Mesmo reconhecendo a heterogeneidade da contracultura, este artigo irá priorizar a discussão sobre o movimento *hippie*, dadas as fontes consultadas e o fato deste movimento ter exibido de modo mais característico, levando-as aos seus limites, as tendências das contraculturas.

É difícil apontar exatamente quando a ebulição de juventudes em busca de novas formas de comportamento, de cultura e de experiências sensoriais, passou da fase mais restrita dos que foram chamados de *beatniks* ao movimento mais ampliado dos *hippies*. Talvez o local onde esta transição tenha se dado de modo mais forte, apesar de um certo folclorismo que ronda sua história, foi o bairro de Haight-Ashbury, em São Francisco (Estados Unidos). Haight-Ashbury era um velho gueto negro que jovens artistas e artesãos invasores transformaram em um bairro *hippie*, no início dos anos 1960, redecorando-o “com cores psicodélicas, incenso e patchuli, roupas e jóias orientais, sexo e rock”. (Muggiati, 1984, p. 104).

Neste primeiro momento, o movimento *hippie* foi, sobretudo, uma forma diferenciada de ocupação e reutilização do espaço urbano, criando verdadeiros territórios livres, de produção cultural e experimentação comportamental. Já se revelava uma das essências da contracultura: contra uma vida para o sucesso profissional, uma “vida para o lazer”. Ou melhor, o lazer deixava de ser um momento do dia, da semana, do ano ou da vida, entremeado pelas obrigações sócio-profissionais. Ele se tornaria “toda a vida”. Seus valores, exercidos especificamente no “tempo livre”, orientariam o cotidiano em todos os seus momentos.

Além de contestar a organização e a ética do tempo cotidiano, a contracultura fomentou projetos de reforma ou superação da racionalidade moderna (Roszac, 1972). Muitos lamentam os descaminhos dos jovens *hippies*, a derrocada das experiências psicodélicas em vício e tráfico de drogas, a absorção das inovações artísticas pela indústria cultural e pela “sociedade de consumo”. Outros, ao mesmo tempo em que reconhecem isto, ainda afirmam que, ao menos, a contracultura foi hostil ao *ethos* dominante de consumismo, materialismo e sucesso pessoal, que foi “um repúdio do dinheiro, trabalho, carreira, casamento” (Cantor, 1978, p. 184). Outros até a glorificam: “Para o bem, para o melhor possível, a Contracultura dos anos 60 provavelmente abriu mais mentes e elevou mais cérebros a dimensões espirituais do que qualquer outra instituição da história” (Leary, 1999, p. 505).

Parece pouco promissora a pretensão de querer ver nesta miríade de experiências-limite sequer alguma remota possibilidade de integração e reabsorção pela sociedade “adulta”. Paradoxalmente, é isto exatamente que vai acontecer, ainda que a contracultura tenha tido que se desmanchar no meio do caminho. Mas as próprias sociedades atingidas pela contracultura nunca mais foram as mesmas.

3. *Hippies* como pioneiros do turismo

O exemplo mais claro da influência da contracultura no lazer, da interseção entre dialética da juventude e dialética do lazer nos anos 1960, está na renovação do turismo promovida pela contracultura. Acredito que os *hippies* foram “pioneiros” do turismo. Tradicionalmente, a renovação da atividade turística não se dá através da inovação promovida pelos próprios turistas, mas sim por aqueles que são seus predecessores, os “pioneiros”. Os pioneiros do e no turismo são pessoas que viajam em busca de locais

intocados e enfrentam os riscos da aventura. Em geral, eles abrem o caminho, antecipam novas modalidades e revelam (ou criam) novos atrativos turísticos (Enzensberger, 1985).

Se os pioneiros geram um pequeno movimento de pessoas, os turistas, na senda dos pioneiros, logo chegam em quantidades cada vez maiores. Esta massificação quebra justamente o encanto do pretensamente “intocado” que animava os pioneiros e, na verdade, também os turistas. Logo, torna-se necessário descobrir novos atrativos e modalidades – papel, quase sempre involuntariamente, exercido justamente pelos pioneiros. Apesar desta cumplicidade paradoxal, pioneiros e turistas são muito diferentes entre si. Ao contrário dos pioneiros, os turistas desejam conforto, querem dormitórios adequados e alimentação salutar. Ainda mais importante, enquanto os pioneiros não sabem ao certo quando voltarão, nem se voltarão, os turistas desejam segurança e previsão.

Os pioneiros parecem se dividir em quatro categorias, categorias estas em geral permeáveis: os esportistas (alpinistas e espeleólogos), cientistas/pesquisadores (naturalistas, geógrafos, antropólogos, historiadores etc.), exploradores (navegantes e astronautas) e contestadores de tipo “romântico”. Nesta última modalidade, em que o viajante busca deliberadamente, antes de tudo, a ruptura para com o modo de vida urbano/ocidental/civilizado, se incluem o Movimento Juvenil Alemão e o Movimento do *camping* que, no início do século XX, na sua ânsia de fuga para a natureza e/ou contato com a cultura “profunda” e autêntica das aldeias, geraram, sim, novas formas de prática turística (Enzensberger, 1985).

A contracultura, notadamente os *hippies*, foi mais um exemplo desta série de pioneiros românticos e contestadores. Antecipados, em parte, pelos poetas *beats*, pensaram numa forma de fuga ainda mais radical que o Movimento Juvenil Alemão e o movimento do *camping*, já que esta fuga deveria ser permanente.

Desde o início dos anos 1960, os *hippies* adotaram práticas que seriam marcantes na contracultura: o nomadismo e a formação de comunidades (urbanas ou rurais). Discutirei, primeiro, a formação das comunidades. O Verão do Amor, grande evento *hippie* promovido em São Francisco em 1965, e a própria grande mídia ajudaram a espalhar a idéia de formar comunidades *hippies* a jovens de todo os Estados Unidos e até do mundo: “O mapa de sua ‘civilização’ tem que ser revisado a cada dia, pintando cidades e bairros que são trocados por outros lugares surpreendentes: uma praia, um monte, um bairro elegante, um gueto” (Garrigó, 1970, p. 111).

Neste momento, em que a contracultura passa a formar comunidades, seja em pontos esperados nas cidades, seja em locais inesperados e inusitados no campo e na natureza, o proto-turismo *hippie* começa a ser um “tubo de ensaio” para o mercado turístico. Assim como os pioneiros de outrora, os *hippies* descobrem e criam o interesse de viajantes por novos pontos que se tornam atrativos turísticos, como praias, montanhas, ermos naturais e bairros *hippies*. Também, geram ou ajudam a gerar novas formas de turismo, como o ecológico, o rural e o místico ou esotérico.

As contraculturas, assim como fariam em relação às drogas, trouxeram à tona uma variedade inesperada de tradições religiosas, místicas, esotéricas, filosóficas e culturais que, nas sociedades racionalistas construídas pela Revolução Industrial, se acreditavam eliminadas ou delimitadas ao “Oriente” simbólico.

As contraculturas ajudaram a abrir novas portas de contato com o que havia de diferente em relação à cultura desencantada e racionalista. Porém, retornava o perigo de tratar o diferente como exótico, como curiosidade, como entretenimento em que, dentro do território cultural de um “Outro”, todos os impulsos ao mistério, místico, sensorial e sensual

são permitidos levemente. Mas não apenas o “Outro” foi revirado à distância em suas tradições místicas, religiosas e psicodélicas. A tradição dos pensadores inconformistas, como os *beats* e os “papas” da contracultura, viajaram à Índia, ao Oriente Médio ou a outros recônditos misteriosos do Leste, foi transferida também para uma crescente massa de jovens *hippies* interessados em experiências místicas mais autênticas ou, simplesmente, drogas baratas e liberalizadas. Até mesmo os *Beatles* aderiram à crescente nova onda de buscar o “Outro” fisicamente, chegando de surpresa à Índia para seguir o guru Maharishi. Estava aberta de vez a porta para o “Oriente” místico:

Aos 4 besouros cabeludos, seguiram-se milhares de franceses, norte-americanos, ingleses e alemães, cobiçosos de “narcose química e religiosa e de poderes sobrenaturais”. Em pouco tempo, tal corrida à “pedra filosofal” legou à Índia uma bizarra população flutuante ilegal de *hippies* mendicantes e uma inédita fauna local de “sacerdotes fundamentalistas caçadores de butim, barões da droga e homens santos de mantos cor de açafraão que negociam armas” (Machado, 25/12/1999, p. 4.4).

Gita Mehta (1999) refletiu de modo irônico as tragédias deste nascente mercado místico na Índia. Deste desafortunado turismo esotérico, o que predominou foi o desencontro entre viajantes ocidentais, em busca de uma Índia inexistente criada pelo seu imaginário, e uma tropa nativa de aproveitadores, capazes de mimetizar o Oriente irreal projetado por seus hóspedes. Apesar disto, de todo modo, os *hippies* novamente desempenharam o papel de pioneiros, redescobrimo o “Oriente” (real e imaginário) e as artes esotéricas como destino e modalidade do turismo. Mehta mesmo utiliza o termo pioneiros: “Os *hippies* originais eram mais do que mendigos. Eram pioneiros que descobriram os *ghats* de cremação” (1999, p. 137).

O turismo místico/psicodélico começaria a fazer parte dos hábitos de integrantes mais ousados das classes média e alta do Ocidente, gerando até uma interessante proposta do controvérsido Timothy Leary: “Sempre senti que a viagem ao Oriente deveria fazer parte do programa do colegial, uma espécie de acampamento de verão educativo” (1999, p. 505). No rastro do novo orientalismo, as tradições culturais variadas e riquíssimas dos mundos fora da Europa Ocidental e dos Estados Unidos transformavam-se em um breve turismo “educativo”, para ser consumido fugazmente pelos ocidentais sedentos de exotismo.

4. Festivais hippies e os grandes eventos

Desde cedo, porém, nem sempre evidente na sua ligação com a indústria cultural e com novas modalidades de lazer, as contraculturas iriam inovar na área dos eventos culturais.

Em 1965, já havia nascido nos Estados Unidos novos estilos de rock ligados intimamente com as contraculturas e até mesmo com os movimentos estudantis, como o rock psicodélico. Principalmente em São Francisco, onde à certa altura da segunda metade dos anos 1960, mil grupos de rock tocavam na cidade. Criaram-se rádios independentes e revistas que divulgavam o *San Francisco Sound*, fenômeno que logo se espalharia para muitas outras cidades dos Estados Unidos. Festivais de rock em São Francisco, com bandas locais, reuniam desde 1965 dezenas de milhares de pessoas. Até 1966, uma comunidade *hippie*, *The Family Dog*, era a principal responsável pela organização destes eventos. Mas, logo, com o fim desta comunidade, empresários próximos do mundo *hippie* passaram a organizá-los, como Bill Graham, dono do Fillmore Auditorium, um dos futuros organizadores do festival de Woodstock, de quem ainda irei falar neste artigo.

As tribos *hippies*, que se multiplicavam, esboçaram uma organização. E neste esboço surgia uma oportunidade para organizar um “grande evento”. Em janeiro de 1967,

hippies de São Francisco organizaram uma “Reunião de Tribos” no Golden Gate Park, para o *World’s First Human Be-In*, reunindo vários gurus da Contracultura e “vinte mil ciganos brancos cantando, dançando, cobertos de flores, de colares e pulseiras de contas” (Leary, 1999, p. 130). Durante a estação, 100 mil jovens reuniram-se em São Francisco no que ficou conhecido como Verão do Amor. Várias áreas do bairro Haight-Ashbury foram liberadas para os sacos de dormir e tomadas pelos jovens *hippies*. A partir de então, São Francisco ganhou fama internacional como capital mundial dos *hippies*.

Estava nascendo a era dos grandes eventos *hippies*, que se tornariam principalmente festivais de rock. Em junho de 1967, foi organizado ainda em São Francisco o Festival de Monterrey, que esperava reunir 7 mil pessoas. Mas acabaram vindo 50 mil jovens, a maioria *hippies* e sem ingresso, para ouvir importantes nomes da música pop-rock e os principais grupos de São Francisco.

Finalmente, o festival de Woodstock, nos Estados Unidos em 1969, marcou o auge do rock dos anos 1960 e do movimento *hippie*, reunindo centenas de milhares de pessoas durante três dias de *shows*. Tão marcante quanto a presença e a criatividade da massa de jovens em Woodstock, talvez tenha sido apenas a interpretação do hino dos Estados Unidos (*The Star-Spangled Banner*) por Jimi Hendrix: da sua guitarra e amplificadores saíram ruídos que evocaram explosões das bombas, granadas, metralhadoras, sons de jato e helicópteros que faziam a Guerra do Vietnã.

5. Contracultura, indústria cultural e sociedade de consumo

As contradições no confronto entre contraculturas, meios de comunicação, indústria cultural e o mercado de bens de consumo talvez tenha ganhado visibilidade extrema em Woodstock, quando foram reunidos quase todos os principais nomes do rock de então. Apesar do festival ter sido uma grande congregação de jovens, a “nação Woodstock”, e mesmo que Mike Lang, um dos organizadores do evento, tenha dito que “nunca a música teve um envolvimento social como o que tem hoje” (Muggiati, 1984, p. 101), ainda assim o desejo de comercializar a contracultura logo iria ser a sua marca mais forte. A princípio, isto parece uma balela, já que o que era para ser um festival reservado a pagantes, diante da invasão inesperada de centenas de milhares de jovens pouco dispostos (ou capazes) de desembolsar dinheiro para a entrada, transformou-se num evento gratuito. Antes da forçada decisão em prol da gratuidade, porém, outro organizador, Bill Graham, era flagrado pelas câmaras que fizeram o filme *Woodstock* xingando os garotos que invadiam o festival sem pagar, chamando-os de “escória de merda”. Mas a raiva dos capitalistas *hippies* não ia durar muito, já que, cobrindo fartamente os custos que não puderam ser satisfeitos com as entradas, o festival seria transformado em discos com altas vendagens e um filme de Hollywood com grande sucesso.

Outro fato ilustra estas contradições. Em 1967, os *Beatles* compuseram a música *All you need is love* (“Tudo o que você precisa é amor”) e a apresentaram num especial de televisão que foi transmitido via satélite para uma audiência de 200 milhões de pessoas. A música era uma clara mensagem pacifista, tipicamente *hippie*, cantada pelos *Beatles* adornados de flores e cores típicas da Contracultura. Ao mesmo tempo, era uma das primeiras vezes na história que se fazia uma transmissão via satélite, simultaneamente, para vários países do mundo. A Contracultura e o rock antecipavam-se ao *show* mega-histórico da chegada do homem à Lua.

Desde logo, Theodore Roszac denunciou a contradição, concebendo a conjunção mídia/contraculturas como um fator extremamente negativo para o verdadeiro sentido que uma revolta contra a “sociedade tecnocrática” deveria tomar. A mídia ajudava na perversão

das contraculturas, rumo à sua folclorização, rumo a modelos deturpados e estereotipados do exótico e excêntrico:

Os chamados *beatniks* e *hippies*, sejam o que forem, nada têm a ver com aquilo em que os transformaram o *Time*, *Esquire*, *Cheeta*, a televisão, as comédias da Broadway e Hollywood. A imprensa decidiu que a rebelião “vende” bem. Mas o máximo que consegue fazer é isolar as aberrações mais insólitas e, conseqüentemente, atrair para o movimento muitos *poseurs* extrovertidos... O problema é novo e difícil: uma espécie de cínica asfixia da rebeldia através da publicidade contínua, e começa a parecer que para o Sistema esta arma é muito mais eficaz do que a supressão pura e simples (1972, p. 47).

Seria ingênuo conceber que a sociedade vindoura acataria todo o radicalismo das experiências-limite dos *hippies* com a sexualidade, as drogas e o misticismo. Mas diversas atitudes e comportamentos, outrora impensáveis, passaram a se tornar “normalidade” em muitas sociedades do mundo “ocidental”. Principalmente no terreno da sexualidade. Quanto às drogas, seu uso disseminou-se mais após a contracultura, mas de modo mais subterrâneo que a libertação sexual, já que as drogas continuaram ilegais e perseguidas (inutilmente) pelos governos.

Mas o que era, ao menos para uma parte mais conseqüente dos *hippies*, experimentação de novas relações sociais e afetivas, novos modos de autoconhecimento, “abertura” da mente e desafio à racionalidade logo iria se transformar, para muitos jovens pouco preparados para aquelas experiências-limite, um tortuoso descaminho. Principalmente no consumo de drogas, o que também foi bem aproveitado por um nascente e bem organizado narcotráfico. Revelador é a ascensão da cocaína, uma droga euforizante, reafirmadora do ego, perigosa e altamente viciadora, que ganhou a supremacia em relação a drogas psicodélicas (que produzem alucinações), menos viciadoras, como o ácido lisérgico (LSD) e a maconha. Aquilo que começara como uma suposta experiência com novos níveis de percepção, se transformara numa hiperbólica afirmação do ego.

A cocaína torna-se então a droga dos anos 1970 – anos da desmobilização política das juventudes de classe média no Primeiro Mundo, época de imersão no individualismo consumista e do sucateamento e comercialização da cultura jovem. A cocaína efetua em seu usuário uma sensação (diferente do LSD) de poder e hedonismo absoluto, ao mesmo tempo em que radicaliza as características dos estilos de vida consumistas e hedonistas das sociedades contemporâneas. Também, acaba sendo uma fuga individual e desesperada deste mesmo mundo que tende a ocultar a criatividade e a expansividade dos indivíduos.

Na verdade, com esta e outras contradições a contracultura revelaria de modo hiperbólico o que o próprio capitalismo avançado exigia das classes médias (e das suas juventudes): consumo em vez de sacrifícios puritanos, satisfação imediata das necessidades em vez de gratificações póstumas, aquisição de bens de consumo instantâneos em vez de bens duráveis, estilos de vida mais livres em vez de seriedade e sobriedade (Clarke *et. al.*, 1982). A própria contracultura gerou elementos que, reciclados, foram aproveitados pelas instituições – revigoradas e igualmente recicladas – da sociedade capitalista. No campo do lazer, é o que se pode supor observando as inter-relações – em geral, inesperadas e paradoxais – entre pioneiros *hippies* e novos atrativos e modalidades de turismo, entre festivais de rock psicodélico e produtos da indústria cultural (eventos, indústria fonográfica, cinema etc.).

Mas não foi esta a única influência exercida pela contracultura, mesmo no campo do lazer, já que ela experienciou, de modo radical, um novo *ethos*, uma nova configuração para a ética do lazer, do consumo e do prazer. *Ethos* e configuração que seriam recicladas,

absorvidas de modo mais moderado e funcional, pelo mercado de consumo capitalista.² A juventude *hippie*, que afirmou o hedonismo como modo ser total e o tempo da vida como tempo de lazer tão somente, vai ser o protótipo de novas categorias de consumo, num mundo capitalista em sua era de “flexibilização”, em que a expansão ilimitada do prazer se transforma em contração intensiva no momento do consumo, em que a variedade e profundidade da experimentação comportamental se transformam em aquisição de bens individualizados, efêmeros e multiplicados (Harvey, 2000).

Para muitos, realizou-se uma acomodação definitiva entre a dialética da juventude e a sociedade capitalista contemporânea, ou “pós-moderna”. Contudo, outras mobilizações sócio-culturais autônomas da juventude, nem sempre com a mesma publicidade conquistada pelos *hippies*, iriam se dar, muitas vezes rejeitando exatamente esta absorção funcional da revolta juvenil pelo mercado de consumo e pela indústria cultural, proclamando uma necessária retomada criativa dos espaços para o lazer. Da violência dos *punks* dos anos 1970 às *raves* em ruas públicas protagonizadas pelo *Reclaim the Streets* (“Retome as ruas”) nos anos 1990 (ver Klein, 2002) – para ficar só no exemplo da Grã-Bretanha –, há toda uma história das recentes reocupações do espaço e tempo de lazer (e da juventude) por atuações autônomas de indivíduos e grupos jovens. É uma história que pretendo ajudar a contar em outra oportunidade.

Referências Bibliográficas

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**, Lisboa: Edições 70, 1991.

CANTOR, Milton. **The divided left. American radicalism, 1900-1975**, Nova York: Hill and Wang, Toronto: McGraw-Hill, American Century Series, 1978.

CLARKE, John *et. al.* “Subcultures, cultures and class”, In: Stuart Hall and Tony Jefferson (eds.). **Resistance through rituals. Youth subcultures in post-war Britain**, Londres: Hutchinson, Center for Contemporary Cultural Studies, University of Birmingham, 1982, p. 9-74.

DUMAZEDIER, Jofre. **Sociologia empírica do lazer**, São Paulo: Perspectiva, 1974.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. “Uma teoria do turismo”, In: **Com raiva e paciência. Ensaios sobre literatura, política e colonialismo**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 205-226.

GARRIGÓ, Andres. **La rebeldia universitaria**, Madri: Guadarrama, 1970.

GROPPO, Luís Antonio. **Juventude. Ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**, Rio de Janeiro: Difel, 2000.

_____. “A emergência da juventude e do lazer como categorias socioculturais da modernidade”, In: *Licere*, Belo Horizonte: Centro de Estudos de Lazer e Recreação (CELAR), UFMG, v. 5, n. 1, 2002, p. 73-82.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**, 9a ed., São Paulo: Loyola, 2000.

KLEIN, Naomi. “Resgate as ruas”, In: **Sem logo: a tirania das marcas em um planeta vendido**, 2ª ed., Rio de Janeiro: Record, 2002, cap. 13, p. 338-351.

² A idéia de “reciclagem cultural” se inspirou em Baudrillard (1991).

LEARY, Timothy. **Flashbacks “Surfando no caos”:** uma autobiografia, São Paulo: Beca, 1999

MACHADO, Álvaro. “Gita Mehta retrata ocidentalização da Índia”, *Folha de S. Paulo*, 25/12/1999, p. 4.4.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e humanização**, 3ª ed., Campinas: Papirus, 2000.

MEHTA, Gita. **Carma-Cola: o marketing do Oriente místico**, São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX. O espírito do tempo 1. Neurose**, 2ª ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MUGGIATI, Roberto. **História do rock, vol. 3: Os anos rebeldes**, *Somtrês*, São Paulo: Três, 1984.

ROSZAC, Theodore. **A Contracultura. Reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil**, Petrópolis: Vozes, 1972.

RUSSEL, Bertrand. **Elogio do lazer**, Rio de Janeiro: Zahar, 1977.